

DELÍCIAS DA CARNE¹

Wilton Garcia²

Resumo: Ao relacionar comunicação e práticas socioculturais, este texto propõe uma reflexão crítico-conceitual sobre nuances da pornografia, cujo debate inscreve possibilidades expressivas do consumo atual. Trata-se de uma abordagem específica de voracidades entre a ficção e a realidade. Nesse caso, os estudos contemporâneos – no diálogo dos estudos culturais com as tecnologias emergentes – compreendem a dimensão teórico-metodológica, a qual equaciona a observação, a descrição e a discussão. Os resultados demonstram desfechos intrigantes que elencam recursos técnicos, estéticos e éticos desdobrados na pornografia atual, considerando alguns aspectos econômicos, identitários, socioculturais e/ou políticos.

Palavras-chave: Comunicação. Cinema. Pornografia. Consumo. Estudos contemporâneos.

A espada do membrudo Ferrobrás
Decerto não metia mais horror:
Esse membro é capaz até de por
A amotinada Europa toda em paz.
Bocage, *O Monstro*

A tenacidade dos versos de Bocage (s/d), na epígrafe acima, combina com o descortinar de ideias que sobressaltam a condição humana atrelada aos impulsos da imaginação. É preciso imaginar (ISER, 1996). O poema aponta para idiosincrasias do sexo como potência viril. Diante do entrelaçar dessas palavras, imagens intensas emergem expressões fecundas e expandem estratégias discursivas, as quais dispõem a manifestação PLURAL da sexualidade.

Hoje, o campo contemporâneo da comunicação investiga cuidados especiais no preparo da divulgação de produtos, marcas e/ou serviços. Estratégias discursivas orientam a publicidade, a propaganda e o marketing, por exemplo, com artimanhas elaboradas para impulsionar o inseparável binômio mercado-mídia. Aqui, observa-se o ato de consumir com avidez diante do mercado-mídia, na discussão de tensões sociais, fenômenos, valores e manifestações culturais. Influenciar, persuadir, incentivar, estimular, atrair, provocar, instigar, surpreender ou impactar são termos/ações recorrentes para gerar atitudes de consumo. Assim como espetacularizar e exhibir, também, fazem parte da demanda de agenciamento/negociação (VARGAS-LLOSA, 2012). As combinatórias resultantes, nesse caso, pressupõem conferir determinada lucratividade, que necessariamente não é Ser/Estar, é TER.

¹ Este texto faz parte da pesquisa *Comunicação, consumo e tecnologias emergentes: estudos contemporâneos*, desenvolvida junto ao Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso) – vide <devoradigital.wordpress.com>.

² Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo ECA-USP. Professor da Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba (Fatec) e do Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). Autor do livro *Feito aos poucos: anotações de blog* (2013), entre outros. E-mail: wilton.garcia.zip.net

Ao relacionar comunicação e práticas socioculturais, este texto propõe uma reflexão crítico-conceitual sobre nuances da pornografia, cujo debate inscreve possibilidades expressivas do consumo atual. Trata-se de uma abordagem específica de voracidades entre a ficção e a realidade. Não obstante, o exercício da ficção (fábula, lenda, literatura, mito) contribui para pornografia envolver o público em determinado exercício de pensar a respeito da diversidade cultural/sexual. Tal fato ocorre a partir de outro ponto de vista – o do ator ou a da atriz que encena o(a) personagem pornográfico(a). Como quem procura um tom plausível para cada argumento, apresento um esboço de ideias, inquietudes, impressões e/ou posicionamentos que, de alguma maneira, pretende ilustrar esse ponto de vista acerca da cena pornográfica, sobretudo ao elencar o consumo tecnológico atual.

Com um olhar empírico e exploratório a respeito das transformações contemporâneas, interessa refletir acerca da vivacidade do desempenho humano diante da experiência contemporânea, sobretudo na imediatez do *aqui/agora*. Nesse percurso metodológico, a iniciativa exige a aproximação entre questões que envolvem o cotidiano e sua extensão representação como objeto de discurso.

Dessa forma, os *estudos contemporâneos* (BAUMAN, 2013; CANCLINI, 2008; EAGLETON, 2005, 2012; GUMBRECHT, 2010; HALL, 2002, 2003; VARGAS-LLOSA, 2012) compreendem a dimensão teórico-metodológica, a qual equaciona a observação, a descrição e a discussão. Tais estudos interrelacionam os *estudos culturais* e as *tecnologias emergentes*. Entretanto, designam de jeito paradoxal a falência da teoria diante da realidade (EAGLETON, 2005).

Poeticamente, seria apreciar, porventura, a carga estética de determinada nuance pornográfica *in loco*, nos bastidores: o extracênico. É olhar para o que está por trás da cena, para além das cortinas. Observar, de fato, o instante anterior à cena, que está em preparação, como quem estuda os detalhes. A fina presença de referentes assentada em informação. Isso instaura certos resultados na dramatização cênica. Evidente que nem tudo o que ocorre nesse preparo faz parte da cena, propriamente dita, ainda que também faça parte do contexto. A ideia seria aprofundar a pesquisa, verificando o que ocorre no universo da pornografia para além do enquadramento cênico. Observa-se que uma pré-produção estabelece uma relação direta com o que será difundido como produto audiovisual. O *setting* de uma filmagem contém preciosas informações, as quais servem para compreender o processo de criação de determinado produto cultural.

Se a pornografia mostra o sexo explícito, o que sustentaria sua espetacularidade? Nessa explicitudez, a carga da exibição aberta coloca em cheque o pudor social, mas também incorpora o ofegante desejo em segredo. Seria considerar o interno, o particular, o privado. O que está orientado para ser guardado, assegurado. Os bastidores podem revelar, sem dúvida, uma parcela inusitada disposta pela passagem compartilhada entre atores, atrizes e personagens. Há um misto de transversalidades fictícias, aqui tratadas de forma poética, mediante as alternativas do deleite.

Feitas tais inscrições iniciais, passo a apresentar algumas impressões reflexivas sobre o sabor que circunda as delícias da carne. São cinco tópicos: *Da espera*; *Da desdobra*; *Do corpo*; *Da pensata*; e *Da devora*. Por último, a parte final *Do desfecho* encerra, provisoriamente, o debate. Este ensaio de ideias sobre pornografia atual permite reconsiderar valores humanos, nem sempre ressaltados pelo discurso da sociedade.

DA ESPERA

Tomou assento de pronto, com pouca roupa, quase nada, diante da estranha paisagem artificial de uma imagem vazia que lhe fora imposta, como cenário besta, para que a gravação rápida da película pudesse ser desenvolvida a contento. Descalça com os pés ao longo um sofá desconfortável, de unhas cortadas e bem feitas, cabelo solto, maquiagem leve e perfume ordinário ajudavam na composição da cena. Já a seminudez não impedia de fumar um cigarro, de forma tranquila, para passar o tempo. Esse não para nunca.

Do peso nas costas, precisava descansar, pois estava na exaustão – o limiar do esgotamento estressante. O que ocorrera fora daquele espaço era demais para começar o dia. E ali sentia segurança contra os atropelos violentos do cotidiano. Também, seria o momento ideal do preparo, pelo que estava por vir. Isso posto, o que tivesse que acontecer na cama seria de qualquer jeito, sem pudor. Nenhuma preocupação ou arrependimento haveria, inclusive. E ninguém, sequer, questionou a respeito da profundidade do argumento ou do roteiro.

De fato, o enredo parecia tão óbvio para alguém consumir aquele tipo de produto audiovisual. O quarto de hotel era o único lugar barato e ágil para propor sexo explícito durante vinte e quatro horas, entre três pessoas diferentes. Ou seja, participaria de um filme com pouca criatividade e verba. Poderia até Ser/Estar diferente, quem sabe, se não fosse o baixo custo da produção, que deixaria muito mais caro quanto se trata de privacidade. Afinal, prática sexual em público é crime grave por aqui – um atentado ao pudor. Logo, seria difícil arrumar um local adequado, seguro e confortável, por isso não era uma proposição refinada, de garimpagem, para tamanha produção desqualificada.

Seguia um dia de domingo abafado e calorento, mas com pouco sol. Na noite anterior, havia participado de uma megafesta, na cidade. Varou madrugada. Na verdade, estava deveras cansada, em razão dos últimos acontecimentos. Muita farra, festança e pouco retorno.

Envolta ao *setting* de filmagem com refletores de luzes e câmeras, apenas a bruma espessa de uma manhã quente entrava pela fresta da janela bem velha, no final do corredor. E fervia a cabeça dos produtores – preocupados com a espera do casal selecionado que já estava bastante atrasado. Sabe-se que atraso em compromisso profissional é coisa equivocada, algo que nunca deveria ocorrer.

Na realidade, a espera dos demais selecionados transformou-se em um instante singular, no qual vagava o pensamento, solto, à procura de novidades corriqueiras. Como prever o futuro nesse contexto, sem muitos recursos?

Assim, aproveitou a oportunidade para refletir sobre a própria escolha. Um misto de desejo e repulsa interpelava a dúvida, entre gosto e recusa. Decidir o que e como fazer era necessário. A vida provoca desafios inimagináveis para quem saiu cedo de casa, do interior para a capital, na batalha: em busca de um lugar ao sol.

Por isso, estava naquele território improvável, não por vontade própria, mas para tentar alcançar algo maior. Tivera ambição suficiente para vencer na vida, pois queria mais, cada vez mais. Ingressar como profissional no mercado pornográfico, no país,

parece ser algo tão difícil quanto o ditado popular “enxugar gelo no deserto”. Isto é, sabia que nada seria fácil, uma vez que não houvera apoio ou aprovação da família e nem dos(as) amigo(as), muito menos reconhecimento ou popularidade midiática. Embora, desentendia que jamais seria uma celebridade, visto que confundia elogio com ironia e vice-versa.

No desespero, queria saciar a cede de vencer, com “todas” as forças restantes. E se pode ser com sexo, melhor ainda, acreditava. De modo contraditório, esperava. Aguardava sem entusiasmo o que estaria por vir. Porém, dependia do seu desempenho para que o contrato de trabalho firmasse com a produtora. Afinal, era um teste bacana para a carreira profissional decolar perante o brilho do estrelato comercial – na fama subversiva e/ou transgressora – do mundo pornográfico, do cinema à internet.

Nota-se uma enorme e discrepante controvérsia. Perguntava para si, com veemência, se restaria algum outro jeito entre a prostituição ou a pornografia: o que fazer?

O mal-estar estava formado. Impedida de formular um pensamento mais complexo, não tinha certeza do que queria ser ou fazer. Em determinadas situações, apenas tentava seguir a vida. E quebrava a cara. Sabia que queria mais, mas nem sempre podia. Às vezes vagava pela discórdia dos conflitos de identidade (sexual e/ou de gênero), que surgiam para atrapalhar suas precárias e turbulentas decisões.

No fluxo das experiências, experimentou de tudo quase um pouco. Ausente de critério e a revelia, percorreu as delícias da carne, para além dos braços de Orfeu. Era no ofegante desbravo: fazia sexo intenso com homens, mulheres, travestis, animais, plantas e afins. Emoções voluptuosas da luxúria cretina dissipava a potência impactante de imagens orgânicas traduzidas pela materialidade genital (anatômica) a sua frente.

Nesse caso, dependeria apenas do que lhe oferecera o mundo, distante de afeto ou desejo, sem conseguir distinguir, propriamente, o certo do errado. Havia equívocos. Apenas tinha o que escapava entre as pernas, na vulnerabilidade de um impulso estonteante e incontrolável do sexo no vigor do sexo.

Do que já havia conquistado, perdeu quase tudo em razão das influências das péssimas companhias e da falta de talento para resolver problemas. Vivia situações psicológicas conflitantes com sua personalidade inconsistente. Difícil era pensar. Apenas agia. Tentava. Nem sempre conseguia. Demarcava o território para apostar na jogatina. O vício em jogos de sorte e azar fazia consumir bebidas e drogas compartilhadas com desconhecidos(as) – como qualquer personagem *underground*, advindo das fantasmáticas de Sodoma e Gomorra. Delirante fruto vulgar do fracasso.

Não tinha nenhum tipo de convivência com amores, amantes, parentes, familiares, amigos(as), colegas ou conhecidos(as). Sempre esteve longe de carinho, afeto ou atenção. Por isso, não gostava de fofoca, fala-fala ou futricagem. Muito menos peleja, duelo ou combate. Detectar a fragilidade dessas relações vazias implica observar a dificuldade de estabelecer comunicação e, até mesmo, conseguir ponderar as adversidades que afligem seu cotidiano conturbado.

Logo, não se importava muito na escolha de quem poderia confiar, de modo equivocado. Deleitava-se de um bom gosto duvidoso, pelo mero prazer de viver o dia a dia, fora de tratativas e/ou acuidades necessárias para calcular seu pobre entorno visceral viciante. Por ora, estava ciente do que poderia acontecer ali.

Em mais de uma oportunidade, ficava a indagar: de que vale o amor?

E lá já se passou meio dia, até que alguém convoca a equipe presente na filmagem para o almoço. Serviram algo simples e sem graça em – marmita fria e água de galão de plástico para resfriar a memória acerca do que estaria por vir. A economia material retirava qualquer chance de estímulo, para fazer o que viria depois. Eis o esforço íntimo, pessoal e particular para continuar adiante dessa etapa.

E se *time is money*, o investimento derretia-se voraz aos olhos do diretor. Este último percebia, de forma discreta, que ficar muito tempo naquele local seria perigoso bastante para quem quer emplacar um filme pornô no Brasil. Implacável mundo capital dos objetos. Mesmo que seja em uma competição no mercado pornográfico, ainda, faltava muito para ter o nome estabelecido e firmado no hall da fama. Do ponto de vista financeiro, tinha dívida o suficiente para ficar com preocupação. Portanto, esse preocupar parecia aumentar com o atraso desnecessário dos componentes.

DA DESDOBRA

Disso, urge uma noção de pornografia. As contradições que fazem aflorar um olhar crítico sobre os bastidores da pornografia, como exemplificação, acenam vestígios paradoxais. Isso encanta a oportunidade do pensar. Explorar esses bastidores implica perceber a curiosidade como elemento de participação e pertença, porque aguça interesse do desconhecido. O que não se estabelece na rotina. Renova-se, porque não seria ordinário. Horizontes de expectativas aquecem provocações. Também, o agenciar/negociar desse tipo de representação expressa uma realidade recorrente ao consumo contemporâneo, quando atravessam questões de intensidade e objetividade do corpo ao sujeito e sua sujeição (inter)subjetiva.

Surpreender o(a) observador(a) talvez seja a capacidade de sedução imagética, quando se prevê a elaboração da escritura visual em desdobramentos galanteadores. Arquitetar o gesto como armadilha, que comove. Isso evoca vicissitudes tanto de discurso, na ordem da manifestação técnica/estética, quanto de leitura, na ordem da recepção. Em síntese, uma imagem provoca inquietações – e faz a gente pulsar –, ao expor seus meandros na cena, que atçam as brasas da intimidade.

Jacques Aumont (2000, p. 313 – grifo nosso) afirma:

O prazer da imagem – entenda-se o prazer do espectador da imagem – é sem dúvida inseparável de um suposto prazer do criador da imagem. [...] Por qualquer ângulo que seja considerado [cinema, desenho, fotografia, pintura, publicidade ou internet], o prazer da imagem é sempre, em última instancia, o prazer de ter acrescentado um objeto aos objetos do mundo.

Entretanto, a imagem concebe-se em um processo de (des)construção da informação sobre a perspectiva de um estado de contenção e/ou retenção de ideias e ações, as quais prolongam sua extensão em uma carga (inter)subjetiva. O contemporâneo prescinde da mobilidade dessa (dis)tensão do olhar para a criação e a leitura dos objetos diante de respectivos contextos. Seria provocar deslocamentos, “mexer” com o(a) outro(a) a partir da atitude dilacerante como o *sex appeal* do mercado-mídia para o consumo (PERNIOLA, 2005).

Amplia-se a experiência do olhar, mediante o ver e o enxergar como instâncias sensíveis da recepção. Sob essa ótica, o movimento transicional de uma releitura da imagem parece conduzir efeitos discursivos a um agenciamento/negociação em que as habilidades, ainda que subversivas, emanam uma oposição transgressora. A envergadura da imagem, a contento, enuncia emaranhados de pulsões entre desejo e prazer.

Nessa interpelação (de arte, cinema, comunicação, design, fotografia, pintura e/ou tecnologia), o erotismo organiza um conjunto suplementar de intensões que retêm a capacidade adaptativa da imagem de evidenciar a sedução. O erótico, por si, mistura-se ao pornográfico, como lógica obscura que invade o obsceno. E gera uma série de dúvidas e conflitos para o(a) observador(a) desavisado(a).

Uma das características da pornografia é pôr em evidência o pormenor escandaloso. [...] Mas o efeito porno não respeita apenas ao sexo, respeita também a outros procedimentos de detalhe que se apresentam escandalosos, como os que incidem sobre as ações de violência (CALABRESE, 1987, p. 98).

O que me atrai na possibilidade de pensar e escrever sobre pornografia, no contexto contemporâneo, é o efetivo encontro da presença (GUMBRECHT, 2010), do sujeito, promovido pelas relações humanas a partir da visualidade junto à atmosfera estabelecida pelo corpo e sua conseqüente performatização. Em uma pornografia, elementos cênicos compreendem a *performance*. Orquestra o ato em si. Os presentes na cena elaboram uma ação dirigida pelo realizador (cineasta ou diretor), que acompanha com a câmera. O enfoque fica no sexo, mesmo que inclua ações preliminares, a extrapolar o lugar comum. Cada gesto se faz impregnado de (inter)subjetividades para ativar desejo e prazer. A genitália toma o protagonismo para si. Nada se esconde, porque a câmera pronta tenta buscar melhores ângulos a revelar o ocorrido ao(a) observador(a). O que está explícito parece ser sustentado pelos (d)efeitos dos bastidores.

Assim, a pornografia projeta sua indecência para indagações de quem observa um perfil da versatilidade visual do consumo no mercado do sexo. Da prostituição à pornografia e vice-versa, há a recorrência paródica da realidade um “caso verdade”, uma fantasia, uma ficção – um clima artificial é preparado para cada cena, cada ato, como armadilha de sobrevivência. Dessa remota veracidade, a aventura de percorrer a narratividade pornográfica expõe temperamentos singulares, em cada escolha a ser proclamada.

Verificam-se diferentes estágios de contenção, permissão e proibição inseridos pelo sistema hegemônico. Entre aquilo que se torna permitido e o que pode estar contido, observam-se as proibições, como atos (dis)juntivos de uma sociedade. Essa permissão de aparecer na cena – a nudez, por exemplo – em nada contradiz ao ato proibitivo de Ser/Estar, pois o fronteiro, constantemente, agencia/negocia os limites nesse universo de carnavalização – o lúdico, a abertura, inversão de valores, troca de papéis etc.

Também, pode-se perceber a tensão estridente, no campo visual da tela e/ou do imaginário do público, que se estende na configuração ambientada pelo enunciado

pornográfico de diferentes espaços sibilantes. Espaços distintos, porém complementares, colocados como lugar concomitante do permitido e do proibido. Estão relacionadas à pornografia como algo pecador, por isso seria proibido e reprimido. No entanto, aglutinam-se na denominação que amarra e, ao mesmo tempo, falseia esse jeito de Ser/Estar do sujeito. A sociedade diz: não pode! Mas, alguém faz, porque quer.

Conforme Mario Vargas-Llosa (2012, p. 102), “fazer amor em nossos dias, no mundo ocidental, está muito mais perto da pornografia que do erotismo e, de maneira paradoxal, isso resultou como deriva degradada e perversa da liberdade”. Para além da carne, resta expor o fracasso do erotismo hoje. Falta tempero no cotidiano. A erótica parece ter desaparecido do contemporâneo, uma vez que a vida pede sensibilidade estética elevada, em prol da sagacidade. Intervalos de fragmentos eróticos e/ou pornográficos somam a potência corporal, em sua infinitude de deleite entre desejo e prazer – mais que esteta. Ainda, segundo o autor, o erotismo:

Produz pornografia, barateamento isolante e canalha daquele erotismo que, no passado irrigou uma corrente riquíssima de obras na literatura e nas artes plásticas, que inspiradas nas fantasias do desejo sexual produziam memoráveis criações estéticas, desafiavam o statu quo político e moral, lutavam pelo Direito dos seres humanos ao prazer e dignificavam um instinto animal, transformando-o em obra de arte (VARGAS-LLOSA, 2012, p. 47).

Logo, erotismo e pornografia se misturam. Contaminam-se para desacatar a norma. Diante da regra (a lei, o padrão), geram desafios para que o(a) outro(a) pense a respeito da decisão entre Ser e/ou Ter. Reter. Apreender. Isso requer uma exigência da atenção alheia, cujos integrantes da cena trabalham a contrapartida, em casa participação: um jogo complexo, recheado de vestígios ora imagéticos, ora sonoros. O que expande uma ideia são as extensões contemporâneas deslizantes.

De acordo com Rick J. Santos (2014, p. 168-169), “o erótico foi reduzido a algo sujo, trivial, neurótico, enfim, a uma sensação plastificada, comodificada e comercializada pela indústria falocrática da pornografia”. Nesse sentido, vale ponderar a tendência comercial da pornografia. Anota um instinto “selvagem/primitivo” do sujeito, contundente, de ver/ler imagens de nudez e práticas sexuais, conforme os produtos mercadológico-midiáticos propõem a participação testemunhal³.

DO CORPO

Agora, a articulação pontual de uma coexistência conflitiva aponta para um erotismo aberto à manifestação do corpo sob a tônica pornográfica. No estranhamento das experimentações contemporâneas, sensações eloquentes do corpo e a mágica ação do sentir são incorporadas ao cotidiano como consumo. Para Canclini (2008, p. 42),

³ Vale considerar que a pornografia não pode, efetivamente, ser responsável por crimes sexuais violentos e outras formas de comportamentos ditos desviantes. Acusar a pornografia de tal situação seria uma irresponsabilidade moral e social.

O que queremos fazer e o que fazem conosco encontram-se em nosso corpo. O corpo [...] é o lugar em que os que fazem o mundo esperam ver representados os comportamentos promovidos ou exigidos por eles. [...] No entanto, os comportamentos corporais são o cenário onde a literatura, a música e a comunicação digital tornam-se enfim visíveis.

Esta observação acima aproxima a ideia de corpo à realidade e convida para a reflexão sobre instigantes desdobramentos crítico-conceituais dessa condição pornográfica. O fluxo contínuo da aproximação efetiva do corpo em uma cena pornográfica (re)cria uma *poética de alteridades* do sujeito (o/a personagem) no imaginário do(a) espectador(a). Um estado de agenciar/negociar produz alternativas, modos diferentes de experimentar as coisas no mundo, via corpo (VILLAÇA, 2007).

A imagem pornográfica emerge nesse espaço de fricção corpórea, mas passa longe de qualquer sentimento mais profundo para ceder lugar ao concreto objeto carnal. A lógica estaria na densidade material da cena pornográfica, que comporta o que pode – e o que deve – ser capturado pela câmera e exposto no *écran*. A aproximação dos corpos que pulsam a sexualidade vitaminam a imaginação. Nesse tipo de cena, verifica-se a intensão de despertar a fera da ebulição. Propor desejo e prazer no(a) espectador(a).

A pornografia planeja modelos de expressões ditas humanas – como o gozo e o orgasmo – que estimulam variantes flexíveis das práticas sexuais. Mas, cuidado leitor(a), pois isso seria apenas uma dramatização desenvolvidas por (*experts*) atores e atrizes. É a dinâmica de uma “política de desejo” inscrita em seus enunciados corporais, lascivos e poéticos da imagem exibida, trazida à tona (GARCIA, 2004, 2005).

Isso sem deixar que a pornografia enquanto devassidão tome conta da cena exposta, por completo, como se fosse algo menor. Pelo contrário, a pornografia salva relacionamentos afetivos (namoros, noivados e/ou casamentos), ao estabelecer um elo de escapes, em zona permitida. Algo em comum acordo na parceria entre o casal. Ou seja, uma imagem pornográfica necessariamente não escandaliza a vulgaridade dos presentes em cena, ao perpassar a obscenidade que pulsam os corpos, em suposta cena de sexo explícito. Afinal, trata-se de um desempenho performático, uma *action*.

A contemplação da imagem pornográfica (re)apropria-se do corpo, em sua performatividade, para acentuar (abusar de) a beleza estética da forma humana. Uma admiração presentificada pela composição dos ângulos, em que a câmera (fotográfica ou videográfica) valoriza a espetacularidade e deflagra o olhar de um *voyeur*. Este último usufrui de uma paisagem eloquente, uma panorâmica em consonância com o exibicionista, que mostra a carne.

Para Eagleton (2005, p. 15),

O socialismo perdeu lugar para o sadomasoquismo. Entre estudantes da cultura, o corpo é o tópico imensamente chique, na moda, mas é, em geral, o corpo erótico, não o esfomeado. Há um profundo interesse por corpos acasalados, mas não pelos corpos trabalhadores. Estudantes de classe média e de fala mansa amontoam-se diligentemente nas bibliotecas para trabalhar com temas sensacionalistas como vampiros e arranca-olho, seres biônicos e filmes pornôs. [...] Isso cria uma continuidade harmônica entre o intelecto e a vida cotidiana. [...] Questões intelectuais já não são mais um assunto tratado em torres de marfim, mas fazem parte do mundo da mídia e dos *shopping centers*, dos quartos de dormir e dos motéis.

A citação mostra o filme pornô como objeto de investigação por agregar certo tipo de valor aos domínios de um corpo socialmente saudável. Ironia. Acrescenta-se o interesse por aquilo que questiona a liberdade de expressão. Na pornografia, a cooperação do corpo em cena auxilia na plenitude das intensões sugeridas.

A pornografia, talvez, extrapole a materialidade da carne. Evidencia o gesto performático em sua absoluta dramatização: gritos, tapas, ejaculações são triviais montagens acentuadas pela dinâmica discursiva do audiovisual (cinema, vídeo, TV etc). Diversas inscrições (inter)subjetivas de cada gesto banal instauram as derivativas do sujeito e sua condição humana atualizada. Nessa condição, tal sujeito se vê/lê atrelado por impressões visuais, gráficas, de uma corporeidade impactante cujos atores, atrizes, modelos e manequins tentam ativar, de modo estratégico, o imaginário do(a) observador(a). Socialmente, a expectativa sobre a pornografia é enorme, uma vez que legitima a potencia corpórea em atitudes – ações que desdobram no gozo.

Nessa atitude pornográfica, a imagem escandaliza a vulgaridade e avança à obscenidade, em que pulsam os corpos (re)significados de gênero e/ou identidade sexual. Um gama de expressões visuais, para além da pornografia, ostenta a fascinante beleza corporal, independente dessa identidade de gênero (feminino ou masculino), em sua forma criteriosa de se registrar como imagem corporal. O devasso eloquente toma conta da cena pornográfica em sua grandeza de deixar explodir a liberdade dos sujeitos retratados.

DA PENSATA

Contra qualquer tipo de ortodoxia, a condição humana sistematiza no modo de pensar e agir (inter)mediado pela expressão viva da corporeidade. A partir do corpo, o sujeito vivencia experiências, cujas decisões inscrevem natureza e cultura como expansão da realidade, entre signos, representações e referentes. Então, tal *pensata* sobre a pornografia compreende um exercício dinâmico da lógica cotidiana.

Disso, surge a oportunidade do pensar além do senso comum. O senso comum indica que o pensar pode ser chato, cansativo, inconveniente e, até, perigo, visto que a alienação – ou seja, o *não pensar* – instaura certa robotização que automatiza as ideias, em um fracasso. Longe da banalidade, pensar é uma atitude íntima e particular do sujeito, a estabelecer sua consciência crítica de juízos e valores.

O pensar ocupa-se de infinitas possibilidades, a tentar enlaçar o(a) outro(a), em um diálogo que possa aprofundar corolário. Entretanto, deve-se ter cuidado para que o pensamento não atrofie o sujeito no exercício das indagações, as quais possam aflorar o Ser/Estar do sujeito contemporâneo. De forma subversiva, interromper o pensar (re)dimensiona o modo de refletir acerca da informação e seus substratos (fábula, imagem, realidade, subjetividade, verdade). São pulsões aflitivas da ordem do desejo em diferentes predicções e propriedades, cujos valores (des)dodram matizes do pensar. De acordo com Luiz Fuganti (2008, p. 13),

Mas se pensar é encontrar a essência do que se faz enquanto se faz, confundindo o ato de conceber com o próprio ato de criar; se é produzir realidades inéditas ao mesmo tempo em que se as apreende; se é abrir caminhos que se bifurcam no limiar de efetuação e tangenciam ou tocam a própria realidade virtual como sustentáculo da existência atual; se é fazer correr o desejo ao mesmo tempo para o passado e para o futuro como promessa, espreita ou espera vitalizadora, intensificadora do existir; se assim é, devemos perguntar então: como, em que *condições*, sob o jugo de quais *forças* ou *poderes* o pensamento, em determinados momentos e lugares, se dobrou, fabricando para si a gaiola da interioridade? Sob *quais coações* ele espiritualizou-se enquanto entrava em sua própria prisão, para melhor segregar o corpo e induzir o desejo? Como, sendo assim capturado pelos seus próprios planos de representação de verdades, vistas por ele como superiores, condenou-se a contemplar modelos para depois refleti-los; reconhecer ordens e hierarquias racionais para depois projetá-las e reproduzi-las na vida e no corpo, julgando o sentido julgado ao introjetar *deveres* reativos nos *devires* ativos da própria existência?

Conciliar teoria (*saber*) e prática (*fazer*) torna-se algo complexo, quando envolve o pensar. Assim, considerar as escolhas e os enfrentamentos do corpo, cada vez mais, indica autonomia, emancipação e independência do sujeito. O pensar auxilia no viver.

DA DEVORA

Hoje, o consumo e impulsiona a vida pela velocidade de absorver o(a) outro(a). (Re)ter. Antropofagia: alimentar-se para se energizar. Exercício sem pausa, nem reflexão. Nada mais que a ação. O devorar aflige a lógica voraz que sinaliza o impacto da sociedade contemporânea, (de)marcada de (inter)subjetividades, em um tragar sofredor. Não seria novidade afirmar que o capitalismo assimila, provoca e influencia com o endeusamento à cultura do consumo apelativo à exaustão. Uma ação determinante estabelece posicionamentos entre a produção e o desenvolvimento da sociedade. Segundo Marx (1972), o fetiche cria na ilusão a ocultar a desigualdade, ao naturalizar o ambiente. O fetiche da mercadoria paira sobre a utilidade do objeto.

Eagleton (2013, p. 198) assegura:

Marx não fez da produção material um fetiche. Ao contrário, acha que ela deveria ser abolida na medida do possível. Seu ideal era o lazer, não o trabalho. Se prestou tamanha atenção ao fator econômico, foi a fim de reduzir seu poder sobre a humanidade.

Mercado-mídia incita sua proposta capital para consolidar os efeitos de qualquer manifestação pornográfica. De maneira contumaz, a transitoriedade capitalista do mercado-mídia, por vezes, tenta abafar para negar a presença de desejo e prazer. Pulsão. (Re)fluxos. Porém, tal contexto utiliza desejo e prazer como plataforma de entretenimento para ativar a circulação das mercadorias – produtos, marcas e/ou serviços. Por assim dizer, essa situação complexa inscreve peculiaridades do consumo mediado pela pornografia, pois dita a especulação que aguça e, ao mesmo tempo, visa a aproximar-se de um ideal que toque a satisfação do consumidor, a abocanhar em uma instância demasiada. A tentativa é preencher a falta no sujeito, conforme já estudada pela psicanálise (COSTA, 2004): observar o externo, o(a) outro(a).

Um corroer de experiências vertiginosas permite esse dizimar que devora espaço-tempo. Nesse espaço-tempo, redes de conversações amistosas desenham princípios (ético e moral), ainda que, supostos de sanções rigorosas.

A articulação criativa para propor esse empreendimento de consumo perpassa pela diversidade cultural/sexual, ao se deparar com as fronteiras da linguagem exposta entre o verbal, o não verbal e o sincrético. Entre textos, imagens e sons, qualquer discurso programa-se de artimanhas para seduzir o(a) observador(a). Da literatura ao folhetim ou do cinema à internet, somam-se alterações que convocam desvios à norma pela pornografia. A recorrência do consumo deve ser investigada por suas arestas.

Dos vestígios discursivos, uma *poética da alteridade* (GARCIA, 2004) enuncia armadilhas singulares que ultrapassam os limites recorrentes da sexualidade, a constituir uma dinâmica polissêmica da devassidão – como manobra de um jogo. Hoje, a economia libidinal deliberada tenta preencher o vazio – de insegurança e fragilidade –, a estabelecer completude do sujeito (BAUMAN, 2013).

O sentir pulsante de desejo e prazer organiza a expressividade de enunciados surpreendentes, que se (des)dobram em fragmentos como caleidoscópio. Algo eloquente estabelece o sentir recorrente de uma vontade atroz – a saciedade. Completude: preencher lacunas, hiatos, *gaps*. Tem a ver com o ideal de satisfação do consumidor pelo desejo realizado. Satisfazer seria, então, tentar preencher o vazio gritante que circunda o imaginário; para que se faça valer da imagem absurda em seu *frenesi*.

A maneira de abordar situações picantes – como a pornografia – excitam o(a) espectador(a), cuja perplexidade paralelamente alimenta a produção de efeitos de sentidos para estimular o consumo. Disso, fragmentos simbólicos/emblemáticos de determinada cena, (de)marcada pela perspicácia da imagem, provocam a excitação do(a) outro(a), quando exprime o devorar: comer com rapidez. Engolir. E a maleabilidade desse tipo de mensagem sistematiza a relação de causa-efeito diante das consequências de uma aparente associação indissolúvel de enunciados, na sua contingência territorial – o pasmar para além da mera admiração. O *voyeur* e o exibicionista agenciam/negociam a performatização do gozo.

Do ponto de vista da comunicação, a dinâmica contemporânea interpela o digerir de uma imagem – a recepção da informação. Vale o que está público, longe do privado. Como sistema complexo, a transformação de uma visualidade (re)investe-se de mecanismos de rupturas discursivas. A manifestação de um objeto diante da ideia de *diegese* incorpora um devorar antropofágico como quem saboreia a cena e/ou o sujeito, se deliciando. Canibalizar: lamber os dedos, tocar o corpo. Mostrar-se com saliência.

Do ponto de vista da cultura, há um arrematamento na diversidade cultural/sexual contemporânea, com traços de rebeldia entre a transgressão e a subversão do discurso pornográfico. Trata-se de temáticas afetivas, eróticas, sexuais, gênero e suas subjacências, configuradas em diferentes ícones culturais, estratificados pelo profano como algo mundano. No Brasil, debates sobre gênero e sexualidade visam o sistema hegemônico – a disciplinarização e a higienização da sociedade como regência social de uma padronização normativa.

DO DESFECHO

Na pornografia a atração sexual, na concepção errônea, remete a algo vulgar. Canibalizar como quem consome o que é permitido. Ainda que a pornografia ostente o sexo de forma direta, tal contundência do devorar está no sabor refinado que o lascivo movimento do corpo pode produzir ao(à) espectador(a), a suportar com resignação. O que chama atenção, provavelmente, são os parâmetros maquiavélicos de macetes e estratégias para criar subterfúgios obtusos, na tentativa de iludir a plateia – porque é apenas encenação. Não seria uma tentativa de enganar, mas usurpar a incidência de astúcias para preparar a espetacularidade, que clama pelo consumo.

Se consumir pornografia não deve ser encarado como crime, vale destacar a conduta moral e ética para que se observe essa situação que envolve desejo e prazer. A discursividade mercadológico-midiática atual programa um conjunto de artifícios, no processo de persuasão, para que o consumo se efetive. Contudo, consumir, hoje, passa a ser uma necessidade tenaz. Ironicamente, esse fogo devora.

Nessa escrita ensaística para futuros debates, tentei passear pelo relevo da imagem efervescente na pornografia e agilizar sutilezas que incorporam uma paisagem visual, para além de Eros e Tânato. Na expectativa de experimentar o ambiente pornográfico, eis alguns fragmentos emblemáticos, (de)marcados de perspicácia da imagem, os quais provocam a excitação do(a) outro(a), quando exprime desejo e prazer, de forma paulatina. Todavia, não vale criar julgamentos, uma vez que tal exercício da pornografia serve para impulsionar a vida, em sua plenitude efetiva.

Os resultados demonstram desfechos intrigantes que elencam recursos técnicos, estéticos e éticos desdobrados na pornografia atual, considerando alguns aspectos econômicos, identitários, socioculturais e/ou políticos.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Trad. de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santos. 4 ed. Campinas: Papirus, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BOCAGE, Manuel Maria de Barbosa du. **Poesia erótica**. Rio de Janeiro: Codecri, s/d. Disponível em <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_erotica/bocage.html> Acesso em 20 jun. 2014.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CALABRESE, Omar. **A Idade neobarroca**. Trad. de Carmen de Carvalho e Artur Morão Lisboa. Edições 70, 1993.
- COSTA, Jurandir Freire. **O Vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Trad. de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FUGANTI, Luiz. **Saúde, desejo e pensamento**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- GARCIA, Wilton. **Feito aos poucos_ anotações de blogs**. São Paulo: Factash:Hagrado, 2013.
- _____. **Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos**. São Paulo: Thomson Learning, 2005.
- _____. **Homoerotismo & imagem no Brasil**. São Paulo: Nojosa edições/Fapesp, 2004.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**. Trad. de Isabel Soares e Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contracampo, 2010.

_____. **Graciosidade e estagnação**: ensaios escolhidos. Trad. de Luciana Villas Bôas e Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto e EdPUC-Rio, 2012.

HALL, Stuart. **Identidade cultural pós-moderna**. 5 ed. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

ISER, Wolfgang. **O Fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Trad. de Johannes Krestchmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

MARX, Karl. **Theories of surplus value**. Londres: Lawrence & Wishart, 1972.

PERNIOLA, Mario. **O Sex appeal do inorgânico**. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

SANTOS, Rick J. **Poética da diferença**. São Paulo: Factash:Hagrado, 2014.

VARGAS-LLOSA, Mario. **La civilización del espectáculo**. Buenos Aires: Afaguara, 2012.

VILLAÇA, Nizia. **A Edição do corpo**: tecnociência, artes e moda. São Paulo: Estação das Letras, 2007.

Recebido em 22/09/2014. Aprovado em 07/11/2014.

Title: Delights of the flesh

Abstract: To relate communication and sociocultural practices, this paper proposes a critical- conceptual reflection about variants of pornography, whose discussion falls expressive possibilities of current consumption. It is a specific approach of voracities between fiction and reality. In this case, contemporary studies – in dialogue with cultural studies emerging technologies – understand the theoretical and methodological dimension that equates observation, description and discussion. The results show intriguing outcomes that we list technical, aesthetic and ethical resources deployed in the current pornography, considering some economic, identity, sociocultural and/or political aspects.

Keywords: Communication. Cinema.Pornography. Consumption. Contemporary studies.

